

O CARTEIRO DE PABLO NERUDA
António Skármeta

O Carteiro de Pablo Neruda

(Ardente paciência)

O CARTEIRO DE PABLO NERUDA

António Skármeta

Na altura eu trabalhava como redactor cultural de um diário de quinta categoria. A secção a meu cargo guiava-se pela concepção de arte do director que, orgulhoso das suas amizades no ambiente, me obrigava a incorrer nos crimes de entrevistas a vedetas de companhias frívolas, resenhas de livros escritos por ex-detectives, notas a circos ambulantes ou louvores desmedidos ao hit da semana que pudesse engenhar o filho de qualquer vizinho.

Nos gabinetes húmidos dessa redacção agonizavam todas as noites as minhas ilusões de ser escritor. Ficava até de madrugada a começar novos romances que deixava a meio do caminho desiludido com o meu talento e a minha preguiça. Outros escritores da minha idade obtinham considerável sucesso no país e até prémios no estrangeiro: o da Casa das Américas, o da Biblioteca Breve Seix-Barral, o da Sudamericana e Primera Plana. A inveja, mais que um incentivo para acabar alguma vez uma obra, funcionava em mim como um duche frio.

Pelos dias em que cronologicamente começo esta história — que tal como os hipotéticos leitores notarão arranca entusiasta e termina sob o efeito de uma profunda depressão — o director reparou que a minha passagem pela boémia tinha aperfeiçoado perigosamente a minha palidez e decidi encomendar-me um serviço à beira-mar, que me consentisse uma semana de sol, vento salino, marisco e peixe fresco, e de caminho importantes contactos para o meu futuro. Tratava-se de assaltar a paz marítima do poeta Pablo Neruda, e através de encontros com ele, conseguir para os depravados leitores do nosso pasquim uma coisa assim, palavras do meu director, «como que a geografia erótica do poeta». Afinal de contas, e em bom chileno, fazer-lhe falar do modo mais gráfico possível das mulheres que tinha engatado.

Hospedagem na pensão da Ilha Negra, viático de príncipe, automóvel alugado à Hertz, e empréstimo da sua Olivetti portátil, foram os satânicos argumentos com que o director me convenceu a levar a cabo a ignóbil proeza. A estas argumentações, e com o idealismo da juventude, eu acrescentava outra acariciando um manuscrito interrompido na página 28: à tarde iria escrever a crónica sobre Neruda e durante as noites, ouvindo o som do mar, avançaria com o meu romance até acabá-lo. E mais, propus-me uma coisa que se tornou obsessão, e que me permitiu também sentir uma grande afinidade com Mario Jiménez, o meu herói: conseguir que Pablo Neruda prefaciasse o meu texto. Com esse valioso troféu bateria às portas da Editorial Nascimento e conseguiria ipso facto a publicação do meu livro dolorosamente adiado.

Para não tornar este prólogo eterno e evitar falsas expectativas aos meus remotos leitores, concluo esclarecendo desde já alguns pontos. Primeiro, a novela que o leitor tem nas mãos não é a que eu quis escrever na Ilha Negra nem qualquer outra que eu já tivesse começado naquela época, mas sim um produto colateral do meu fracassado assalto jornalístico a Neruda. Segundo, apesar de vários escritores chilenos continuarem a beber

O CARTEIRO DE PABLO NERUDA
António Skármeta

pela taça do sucesso, (entre outras coisas por frases como estas, disse-me um editor) eu permaneci — e permaneço — rigorosamente inédito. Enquanto outros são mestres da narração lírica na primeira pessoa, do romance dentro do romance, da metalinguagem, da distorsão de tempos e espaços, eu continuei adscrito a metáforas transplantadas do jornalismo, lugares-comuns respigados dos crioulistas, adjectivos guinchantes mal entendidos em Borges, e sobretudo agarrado ao que um professor de literatura designou com nojo: um narrador onisciente. Terceiro e último, a saborosa reportagem com Neruda que com toda a certeza o leitor preferiria ter nas mãos em vez da iminente novela que vai persegui-lo a partir da próxima página e que porventura me teria arrancado sob outro título do meu anonimato, não foi viável devido aos princípios do vate e não à minha falta de impertinência. Com uma amabilidade que não merecia a baixeza dos meus propósitos disse-me que o seu grande amor era a sua actual mulher, Matilde Urrutia, e que não sentia nem entusiasmo nem interesse em remexer nesse «pálido passado», e com uma ironia que, essa sim, merecia a minha audácia de lhe pedir um prefácio para um livro que ainda não existia, disse-me pondo-me de rabo entre as pernas à porta: «com todo o gosto, quando o escrever».

Na esperança de fazê-lo, fiquei um longo período na Ilha Negra, e para apoiar a preguiça que me invadia todas as noites, tardes e manhãs em frente da folha em branco, decidi rondar a casa do poeta e de caminho rondar os que a rondavam. Foi assim que conheci as personagens desta novela. Sei que mais que um leitor impaciente estará a perguntar-se como é que um mandrião acabado como eu pôde terminar este livro, por muito pequeno que seja. Uma explicação plausível é que demorei catorze anos a escrevê-lo. Se se pensar que neste lapso de tempo Vargas Llosa, por exemplo, publicou Conversação na Catedral, A tia Júlia e o Escrevedor, Pantaleão e as visitadoras e A guerra do fim do mundo, é _francamente um recorde do qual não posso orgulhar-me.

Mas também há uma explicação complementar de índole sentimental. Beatriz González, com quem almocei várias vezes durante as suas idas aos tribunais de Santiago, quis que eu contasse por ela a história de Mario, «não importa quanto demorasse nem quanto inventasse». Assim, desculpado por ela, incorri em ambos os defeitos.

O CARTEIRO DE PABLO NERUDA
António Skármeta

Em Junho de 1969 dois motivos tão afortunados como triviais levaram Mario Jiménez a mudar de ofício. Primeiro, o seu desamor pelas lides da pesca que o arrancavam da cama antes do amanhecer, e quase sempre quando sonhava com amores audaciosos, protagonizados por heroínas tão abrasadoras como as que via no écran do cinematógrafo de San Antonio. Este talante, juntamente com a sua conseqüente simpatia pelas constipações, reais ou fingidas, com que se escusava em média todos os dias a preparar os apetrechos do bote do seu pai, permitia-lhe retouçar debaixo das nutridas mantas chilenas, aperfeiçoando os seus oníricos idílios, até o pescador José Jiménez voltar do alto mar, encharcado e faminto, e ele aliviava o seu complexo de culpa preparando-lhe um almoço de estaladiço pão, sediciosas saladas de tomate com cebola, mais salsa e coentros, e urna dramática aspirina que engolia quando o sarcasmo do seu progenitor o penetrava até aos ossos.

— Arranja trabalho. — Era a concisa e feroz frase com que o homem concluía um olhar acusador, que podia durar até dez minutos, e que de qualquer modo nunca durou menos de cinco.

— Sim, pai — respondia Mario, limpando as narinas com a manga do colete.

Se este motivo foi o trivial, o afortunado foi a posse de uma alegre bicicleta marca Legnano, valendo-se da qual Mario trocava todos os dias o diminuto horizonte da calheta dos pescadores pelo quase mínimo porto de San Antonio, mas que em comparação com o seu casario o impressionava como faustoso e babilónico. A simples contemplação dos cartazes do cinema com mulheres de bocas turbulentas e duríssimos parentes de havanos mastigados entre dentes impecáveis, deixava-o num transe do qual só saía após duas horas de celulóide, para pedalar desconsolado de volta à sua rotina, às vezes sob uma chuva marítima que lhe inspirava épicas constipações. A generosidade do pai não chegava ao ponto de fomentar a moleza, de modo que vários dias da semana, falto de dinheiro, Mario Jiménez tinha de conformar-se com incursões às lojas de revistas usadas, onde ajudava a manusear as fotos das suas actrizes preferidas.

Foi num desses dias de deconsolada vagabundagem que descobriu um aviso na janela dos correios a que, apesar de estar escrito à mão e numa modesta folha de caderno de contas, matéria em que não se tinha distinguido durante a escola primária, não conseguiu resistir.

Mario Jiménez nunca tinha usado gravata, mas antes de entrar endireitou o colarinho da camisa como se tivesse uma e tentou, com algum êxito, disfarçar com duas passagens de pente a sua cabeleira, herdada de fotos dos Beatles.

— Venho pelo anúncio declamou ao funcionário, com um sorriso que emulava o de Burt Lancaster.

— Tem bicicleta? — perguntou aborrecido o funcionário.

O seu coração e os lábios disseram em uníssono:

— Sim.

O CARTEIRO DE PABLO NERUDA
António Skármeta

— Bom — disse o empregado, limpando as lentes, — trata-se de um lugar de carteiro para a Ilha Negra.

— Que coincidência — disse Mário. — Eu vivo mesmo ao lado, na calheta.

— Ainda bem. Mas o que está mal é que só há um cliente.